

ECONOMISTAS

OS TUJGAS DA FED

Há quem suspire pela gorda sardinha assada na Reserva Federal Americana, o todo-poderoso banco central onde as opiniões de Pedro, João, Vasco e Francisco, economistas seniores, contam. Alunos com um brilho que os demais não tinham, doutorados nas melhores universidades dos EUA, foram escolhidos a dedo entre centenas de candidatos. São os portugueses mais importantes a trabalhar no FED, contam-nos como chegaram lá e opinam, a título pessoal, sobre o estado da Europa e da sua casa de férias: Portugal. TEXTO DE TERESA GENS

FRANCISCO COVAS

PAREDES MEIAS
COM OBAMA

A dúzia de bancos regionais que constituem o FED e que participam ativamente nas decisões de política monetária do país são, também, uma espécie de contrapoder ao Federal Reserve Board of Governors (FRB), localizado em Washington, que supervisiona o trabalho dos bancos regionais. Aqui sete governadores, escolhidos pelo Presidente Obama, e ratificados pelo Congresso, representam as várias áreas económicas — agrícola, comercial, industrial e financeira. Um dos indicadores que demonstram o poder do FRB é o número de economistas que gravitam neste órgão máximo — 300 dos cerca de 700 que trabalham no FED. E lá uma das opiniões que têm peso é a de Francisco Covas, economista sénior português. Trabalhou no Banco de Portugal (na área de previsão da inflação) e foi, aliás, neste círculo estimulado a ‘zarpar’ para os EUA. Fez doutoramento na Califórnia e, um pouco mais a norte, trabalhou no Banco do Canadá. Estreia-se no FED numa fase que deu ‘água pela barba’ — 2007 marca o início da crise financeira que duraria até 2009. Chegar ao FRB foi uma conquista, “algo que sempre tive em mente e ambicionei”, conta Francisco, atualmente na chefia da secção de Análise Bancária, na divisão de Assuntos Monetários. Entre inúmeras análises ao sistema bancário, fazem os famosos testes de stresse aos maiores bancos americanos. Também ajuda a preparar o tealbook, o briefing antes das reuniões do

comité responsável pela política monetária que reúne oito vezes por ano. Sente que as suas análises e conclusões têm “um impacto significativo” na tomada de decisões.

Para relaxar do stresse inevitável, pedala. Faz, diariamente, 32 quilómetros de bicicleta, nas ciclovias que ligam o seu bairro, Bethesda — onde residem muitas famílias de quadros de embaixadas, do Banco Mundial e do FMI —, a Washington. A mulher, cabo-verdiana, também tem raízes em Portugal. Nas férias, matam saudades do belo peixe de Sesimbra, terra onde o economista viveu.

É pelos parentes e pelos media que vai tendo novas do país. “As políticas correntes de austeridade têm de ser ajustadas à conjuntura económica que Portugal enfrenta, uma vez que o crescimento global está longe de ser o ideal”, afirma. Conclui que a aplicação das reformas de que o

país necessita deve ser feita, sim senhor, “mas de forma equilibrada, de modo a minimizar os custos de transição nas camadas da população mais afetadas pela crise económica que se prolonga há vários anos”. Já a Europa “tem de avançar na direção de maior integração fiscal e bancária”. Aliás, os desenvolvimentos próximos “vão depender da eficácia com que estas reformas estruturais serão aplicadas”. Saliendo as virtudes de o BCE poder comprar dívida soberana dos países do euro, o economista sénior sublinha, no entanto, que a política monetária “não é solução para todos os desafios que a Europa enfrenta”. Tema mais importante para o BCE é a regulação da banca: “Deveria desempenhar o papel de regulador primário dos maiores bancos de cada Estado-membro, à semelhança do papel desempenhado pela Reserva Federal nos EUA”.

IDADE: 38 ANOS
FUNÇÃO: ECONOMISTA SÉNIOR DO FEDERAL RESERVE BOARD OF THE FEDERAL RESERVE SYSTEM
PERCURSO: LICENCIADO PELA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA; DOUTORADO NA UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA



VASCO CURDIA

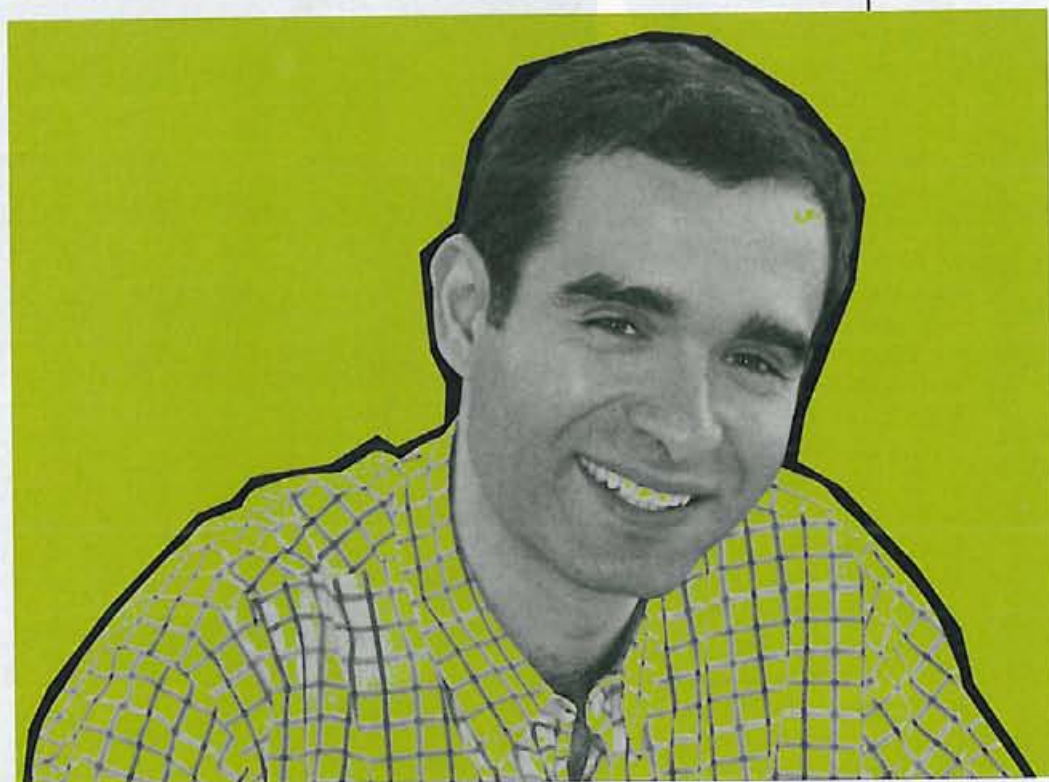
DE TESE QUESTIONADA A ORÁCULO

Dezoito valores na licenciatura em Economia será “apenas uma média”, mas foi a de Vasco Curdia e, à data, a melhor de sempre na Faculdade de Economia da Nova. Como médias altas tendem a não confinar quem as alcança, rumou a Princeton. Trabalhar em economia e política monetária era uma ambição de sempre: “Todo o meu percurso académico se focou nesse tema”. Ou seguiria como professor, numa universidade, ou como economista num banco central. A balança pen-deu para o FED. Primeiro em Nova Iorque, depois em São Francisco, já como economista sénior. 50% do tempo passa-o em investigação pura, nos outros 50% ajuda o presidente em São Francisco “a compreender a conjuntura atual e as melhores opções de política monetária”. Diz ser muito influenciado pela multiculturalidade que o rodeia, no local trabalho e no próprio país: “Juntar pessoas com experiências diferentes ajuda a criar novas soluções que podem resolver problemas em permanente evolução”. Sabe do que fala, a sua tese de doutoramento focou-se na política monetária em mercados emergentes que, ocasionalmente, sentem dificuldade em obter crédito nos mercados internacionais. Deitou mão a modelos económicos usados para este tipo de países mas não para grandes economias — como a dos EUA ou da zona euro. Perguntavam-lhe amiúde: Ok, mas para que serve essa tese aqui nos EUA? “Sempre respondi que dependia se os mercados financeiros, a certa altura, começassem a duvidar

da capacidade do Governo, das empresas e de todos os que pedem emprestado nos EUA de pagarem as suas dívidas”. Dois anos mais tarde os ‘States’ estavam precisamente nessa situação e os modelos que o português andava a estudar passaram a ser cruciais na discussão económica do país. Vasco diz que está no país certo, mas é verdade que “o ambiente menos stressante e competitivo” de Portugal lhe vem, às vezes, à mente. Só que o regresso não é pacífico para quem quer fazer investigação de alto nível, sobretudo nesta fase que o país atravessa. Uma fase “difícil, mas não impossível”. Embora agravada pela crise financeira internacional, a verdade é que “as sementes sempre lá estiveram”. Se, como nos filmes americanos, fosse jurado num tribunal, diria que a classe política portuguesa é guilty porque se “recusou, durante muito tempo, a tomar medidas de contenção da despesa do Estado de forma permanente”.

Optou, sempre, por “meias-medidas de efeitos imediatos que apaziguavam a União Europeia (UE)”. Até que “a situação ficou tão má” que foi precisa a intervenção do FMI e da UE. Lamenta que muita gente culpe a UE e o FMI, “sem nunca fazerem introspeção para se aperceberem que foi Portugal que nunca pôs ordem na casa”. À semelhança, aliás, de outros países que “acreditaram que não tinham de corrigir os seus problemas orçamentais porque a Comissão Europeia os perdoaria ou aceitaria esquemas incríveis” para disfarçar as contas públicas. Agora ao apertarem o cinto, agravaram o problema enveredando numa recessão “profunda e prolongada”. Aumentar a coordenação, a disciplina orçamental, promover a integração e a supervisão financeira é, em suma, “o que a Europa precisa”. Do que não precisa é de “antagonismos Norte-Sul”, “nacionalismos e extremismos” que só “põem em causa a própria União”.

IDADE: 35 ANOS
FUNÇÃO: ECONOMISTA SÉNIOR NO FEDERAL RESERVE BANK OF SAN FRANCISCO
PERCURSO: LICENCIADO PELA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, DOUTORADO NA UNIVERSIDADE DE PRINCETON



JOÃO SANTOS O SENHOR VICE

Não são 'favas contadas' chegar às opiniões do vice-presidente do FED de Nova Iorque, o português João Santos. É que uma das suas atribuições é fazer o périplo pelas várias instituições internacionais que "visam promover a estabilidade do sistema financeiro mundial". Frequentemente em trânsito, anda pelos aeroportos do mundo, de olhos postos nas *departures*, com o emblema da Reserva Federal ao peito. Mas por dentro, sente-se "acima de tudo um português".

O economista chegou à FED em 1995 depois do doutoramento em Boston. Dizem que o sentimento de insularidade cria homens do mundo e deve ser verdade. Completo o liceu em Ponta Delgada, João assentou praça em Lisboa para estudos superiores. Fê-los na Nova com resultados sempre além do que já contentava a maioria. Parece que ainda assim se conserva, diz quem conhece o vice-presidente do Federal Reserve Bank de Nova Iorque. Quando o convidaram para trabalhar na grande maçã era quadro num banco na Suíça. Na altura, chegou a equacionar voltar a Portugal. Sentia a nostalgia da boa mesa portuguesa e dos passeios matinais de fim de semana numa Lisboa deserta. Mas, ao "aliciante" de viver na cidade "mais cosmopolita do mundo" e à proposta "irrecusável" respondeu com um sim. Tem orgulho no que faz, porque impacta enormemente no dia a dia das pessoas: "Não fossem as intervenções (que o FED fez desde o início da crise no verão de 2007 nos EUA) e a crise financeira teria tido dimensões muito superiores às que assistimos aqui nos Estados Unidos". Do outro lado do Atlântico, na Europa, é que o problema "está longe de estar solucionado" e os riscos de contágio para a economia dos States são "significativos". Isto acontece "não só devido às exposições das instituições financeiras mas, também, aos efeitos de contágio". "Foi o que vimos,



repetidamente, durante a crise do crédito hipotecário nos Estados Unidos", exemplifica. Na origem da situação europeia está a "falta de vontade por parte dos Estados-membros em abdicarem do controlo de um conjunto de políticas que deveriam ser centralizadas e de aceitarem exercer outras funções dentro de limites restritos, como acontece com os estados nos Estados Unidos". Para a Europa ser um bloco, onde, "pelo menos, não se acentuem as desigualdades entre membros", a centralização da política monetária "não basta". A crise das dívidas soberanas pôs a claro que a aplicação de uma política fiscal a nível europeu, o estabelecimento de limites para impedir os défices e endividamentos excessivos e a criação de um sistema financeiro que possibilite o acesso ao financiamento em condições semelhantes dentro do espaço europeu, "são imperativas". Citando a tradição do FED de atrair "os melhores", crê que "encetar uma política de formação de recursos humanos de grande qualidade, criando condições para os reter" é crítico para que Portugal "entre numa trajetória de desenvolvimento". O caminho é longo mas as perspetivas futuras podem ser boas se Portugal "corrigir os desequilíbrios da sua economia, aplicar as reformas estruturais, sucessivamente adiadas e tiver políticas capazes de aumentar a produtividade", diz o vice de Nova Iorque. "Só espero que a contrapartida do esforço que os portugueses estão a fazer seja a modernização do país".

15



IDADE: 49 ANOS
FUNÇÃO: VICE-PRESIDENTE DO FEDERAL RESERVE BANK DE NOVA IORQUE E CHEFE DO GRUPO DE INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA DO DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÃO DE NOVA IORQUE
PERCURSO: LICENCIADO PELA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA DOUTORADO NA UNIVERSIDADE DE BOSTON

PEDRO AMARAL

GRANDES LAGOS, MAS SEM SARDINHA

Vás têm sido as tentativas de Pedro Amaral recriar em, Cleveland, região dos Grandes Lagos, a bela sardinha assada na brasa. No Ohio até se vendem sardinhas, mas “são gregas e quando aqui chegam estão hirtas”.

Vinga-se nas férias, na terrinha, aí é à tripa forra. “todos os dias”, conta o português, economista sénior dos mais respeitados do departamento de Research do Federal Reserve Bank de Cleveland — um dos 12 bancos regionais em que foi dividido o banco central americano na sua génese, em 1913, com o intuito de descentralizar o poder.

Segundo melhor aluno da licenciatura de Economia no seu curso, Pedro entrou, há cerca de quatro anos, na Reserva Federal (FED) por concurso público. Cerca de 300 concorreram ao cargo que o português ocupou deixando para trás uma carreira académica. Em bom rigor, enquanto professor universitário em Dallas, já parava mais no FED local (com os economistas da ‘casa’) do que na faculdade. “Na universidade havia pouca gente dedicada à minha área, macroeconomia, e era lá que trocava ideias” — dinâmica vital para quem se dedica a esta ciência. Vive nos arborizados subúrbios de Cleveland e grande parte dos seus amigos são colegas do departamento de Research, “tipicamente multicultural porque o FED



faz questão de recrutar os melhores”, gente de todas as geografias que vai fazer o doutoramento nos EUA. Além de fazer investigação, a função principal do português é assessorar a presidente do FED Cleveland antes das mediáticas reuniões do Federal Open Market Committee, nas quais se decide a política monetária que faz andar a maior economia do mundo. “Quando ouvimos que o FED pôs as taxas de juro a 0,5%

(no mercado interbancário) são, exatamente, essas reuniões”. Antes de se realizarem, o economista faz um briefing, em regra sobre o que se passa na Europa porque, “para o bem ou para o mal”, é um dos europeus do staff. Cabe-lhe analisar este continente, partilhando a sua visão sobre os riscos que a crise das dívidas soberanas terá para os EUA. Preocupam-no, sobretudo, as consequências na estabilidade do sistema financeiro norte-americano, já que as trocas comerciais são pouco relevantes. “Tudo o que envolva a estabilidade do sistema financeiro é muito mais preocupante”, sublinha. Daí que as autoridades dos EUA estejam “bastante vigilantes” para o caso “de as coisas derraparem para pior”. Será que a crise da dívida europeia poderia ter sido evitada se o Banco Central Europeu (BCE) fosse uma cópia do FED? “Não sei, mas podia ser diferente”. O “problema europeu”, sublinha, “é que o BCE tem condicionais que o FED não tem”. Enquanto que o banco central americano opera para estabilizar preços e obter emprego completo numa só economia, o BCE (só com o mandato de estabilização de preços), “tem ali uma amálgama de vontades monetárias de vários países, que estão em situações muito diferentes”. Em tese, “se o BCE tivesse um duplo mandato talvez as medidas de estímulo tivessem sido adotadas mais cedo com vista ao pleno emprego”, comenta Pedro Amaral a poucas horas de se meter num avião rumo a Los Angeles. Vai ver a filha e a mulher, também portuguesa e professora universitária na Califórnia. Sentem-se bem na “condição de emigrantes” mas pensam, um dia, voltar. “Se as coisas melhorarem ainda poderá haver boas propostas em Portugal”. Se não, vêm para a reforma, embora Miami também seja uma forte candidata... ●



IDADE: 39 ANOS
FUNÇÃO: ECONOMISTA SÉNIOR NO FEDERAL RESERVE BANK DE CLEVELAND
PERCURSO: LICENCIADO PELA UNIVERSIDADE CATÓLICA; DOUTORADO NA UNIVERSIDADE DE MINNESOTA

revista@expresso.impresa.pt